

ANITA NOVINSKY, OS CRISTÃOS NOVOS BRASILEIROS E A «FLUCTUATIO ANIMI»

ANITA NOVINSKY, THE BRAZILIAN NEW CHRISTIANS AND «FLUCTUATIO ANIMI»

ENEIDA BERALDI RIBEIRO

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Laboratório de Estudos Judaicos (LEJ)

Centro de Estudos Inquisitoriais Anita Novinsky (CRIAN)

Resumo: Anita Novinsky destacou-se por ter sido a primeira historiadora a dedicar suas pesquisas à ação inquisitorial portuguesa no Brasil, em especial, à população cristã nova, que representou quase 90% dos processados pelo Tribunal. Após a conversão forçada em 1497, não havia mais judeus em Portugal e seus domínios e o interesse de Novinsky foi o de entender como os agora cristãos novos viviam essa nova realidade.

Palabras clave: Inquisição, História, Filosofia, Anita Novinsky, «fluctuatio animi».

Abstract: Anita Novinsky stood out as the first historian to dedicate her research to the Portuguese inquisitorial action in Brazil, especially to the young Christian population, which represented almost 90% of those prosecuted by the Court. After the forced conversion in 1497, there were no more Jews in Portugal and its domains and Novinsky's interest was to understand how the now new Christians lived this new reality.

Keywords: Inquisition, History, Philosophy, Anita Novinsky, «fluctuatio animi».

Os estudos sobre cristãos novos brasileiros nortearam a vida acadêmica da historiadora Anita Novinsky. Historicamente, houve um período de certa tolerância na Península Ibérica, no início da era moderna, entre cristãos, judeus e muçulmanos. Porém, medidas restritivas foram sendo decretadas em um crescente e elas passaram a excluir os judeus da vida pública, das universidades, da prática da medicina, da posse de propriedades, etc., principalmente depois dos Estatutos de Pureza de sangue, elaborados em Toledo no ano de 1449. A Inquisição na Espanha foi instalada em 1478, tendo Torquemada à frente do processo que estabeleceu as bases do Tribunal. O segredo em todas as fases do processo, a culpa estabelecida por denúncias, a impossibilidade de absolvição e a necessidade de confissão que acertasse as denúncias recebidas, além da exigência de nomes de parentes e amigos, que passavam a ser potenciais réus, marcaram o Santo Ofício espanhol. Dinâmica semelhante ocorreu em Portugal que passou a seguir os Estatutos de Toledo e, por fim, obrigou os não cristãos à conversão, proibindo sua saída do reino, diferente dos reis espanhóis que possibilitaram a migração dos judeus que se espalharam pelos quatro cantos do mundo. A Inquisição, depois de duas décadas de negociações com o Papado, foi instalada em 1536, nos mesmos moldes espanhóis.

Todos esses temas foram de interesse de Anita Novinsky, professora emérita da Universidade de São Paulo. Nascida na Polônia, chegou ao Brasil com apenas dois anos de idade, onde formou-se em Filosofia e especializou-se em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Foi na História, no entanto, que encontrou seu caminho. De origem judaica, foi aconselhada por Lourival Gomes Machado a pesquisar os cristãos novos e o papel da Inquisição no Brasil, temas que, nas décadas de 50 e 60 do século passado, eram quase ignorados. Estudou e foi professora na École des hautes Études en Sciences Sociales (1977), fez seu Doutorado em História Social pela USP, e pós-doutorado na Universidade de Paris (1983). Como professora do Departamento de História da Universidade de São Paulo, introduziu os estudos inquisitoriais, desenvolvidos a partir da história das mentalidades, um dos eixos da «École des Annales».

Suas preocupações não se restringiam ao passado, mas a contemporaneidade lhe preocupava e Novinsky viu uma mudança de rumos na política mundial após o atentado ao World Trade Center, em 2011, o que a fez pensar em formas de ações que pudessem esclarecer à sociedade as transformações em curso. Para entender esse novo panorama, Anita criou, junto a diversos pesquisadores, o Laboratório de Estudos sobre a Intolerância, o LEI, que fazia parte do Departamento de História da Universidade de São Paulo. O Laboratório desenvolveu muitas pesquisas em áreas variadas (História, Literatura, Psicanálise, Sociologia, Filosofia, Direitos Humanos), além de ter criado um Observatório que pesquisava, postava, estudava e discutia, via um portal (O Portal da Tolerância), fatos contemporâneos relativos às questões trabalhadas pelos pesquisadores.

No ano de 2013, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) outorgou-lhe a distinção como *Pioneira da Ciência no Brasil* por sua trajetória como investigadora e, em 2015, a Universidade Federal de Pernambuco criou uma Cátedra que leva seu nome. Nesse mesmo ano, a Universidade de São Paulo concedeu-lhe o título de professora emérita. A historiadora trabalhou em suas pesquisas até as vésperas de sua partida,

em 2021, e seu acervo foi doado ao Centro de Estudos Inquisitoriais Anita Novinsky (CRIAN) que ela idealizou ainda em vida.

No V Simpósio Internacional de Estudos Inquisitoriais, realizado em Madri entre os dias 7 a 9 de maio de 2024, pesquisadores do CRIAN apresentaram algumas das ideias da historiadora em mesa em sua homenagem. Além de inovadora nas pesquisas sobre Inquisição e cristãos novos, Anita Novinsky também se debruçou sobre a filosofia e criou conceitos que diversos pesquisadores reconhecem e utilizam em seus trabalhos. As reflexões sobre a *fluctuatio animi*, do filósofo Miguel Abensour, foram o ponto de partida para a análise desenvolvida por Novinsky e que apresentei no V Simpósio Internacional de Estudos Inquisitoriais. Esse texto traz uma revisão dos conceitos que Novinsky analisou e uma leitura de sua interpretação relacionada às vivências dos cristãos novos brasileiros. São suas visões em um dos recortes de sua historiografia.

Novinsky adaptou os conceitos de *fluctuatio animi* do filósofo Abensour aos traços dos cristãos novos brasileiros e ampliou sua investigação utilizando outra concepção do termo, desenvolvida por Max Weber. Ela acreditava que, na ânsia de «pertencer» ao grupo social cristão e assimilar-se, o cristão novo vivia em sofrimento, numa «confusão mental» entre a religião de seus antepassados e a dominante. Oscilando entre o desejo de pertencer ao seu povo de origem e de o viver como outsiders, numa sociedade que os excluía, os marranos tinham, como escreveu Spinoza, a alma suspensa entre dois caminhos, a alegria e a tristeza, a esperança e o temor¹.

A ideia inicial da historiadora era imaginar a vida em Tempos de Inquisição, já que nenhum trabalho aborda a sociedade que se estruturou com a criação do Santo Tribunal. Podemos inferir pelos testemunhos, crônicas, relatos como foi, mas não temos descrições ou análises que nos reportem como era viver sob o regime e a fiscalização inquisitoriais. As fontes com as quais contamos não dão conta do universo mental e das relações sociais da época.

Para Novinsky, o grande problema que a dinâmica inquisitorial impingiu à sociedade foi o que ela denominou de «cultura do segredo», já que este foi o alicerce da Inquisição ibérica. Ele vigorava em relação às denúncias e denunciantes, aos espaços das prisões e seu cotidiano, aos testemunhos e às torturas. Impregnado na consciência individual e coletiva, o segredo trouxe consequências graves à população.

Na visão da historiadora, a «cultura do segredo» não era nova, e desde o período visigodo, na Península Ibérica, quando os judeus foram também forçados a adotar a religião cristã, a vida passou a ser permeada pela clandestinidade e simulação².

Um período de relativa tolerância entre cristãos, árabes e judeus, ocorreu depois da invasão dos mouros em 711, mas o antagonismo recrudescceu na última década do século XIV,

1 A. NOVINSKY, «Antissemitismo, Marranos e a «*fluctuatio animi*», in org. M. L. TUCCI CARNEIRO, *O Antissemitismo nas Américas*, São Paulo, 2007, 27-38.

2 R. R. SANCOVSKY, «Prefácio» de *Judeus e Conversos na Península Ibérica Hispano Visigoda: Anti-Semitismo e Marranismo. Século VII d. C.*, Tese de Doutorado pela Universidade de São Paulo, 2007.

com os ataques de 1391³. Forçados a abandonar sua religião e a perder sua identidade, os «convertidos», tanto em tempos visigodos como no século XVI e seguintes, refugiaram-se nas «sociedades secretas»⁴.

Essa «cultura do segredo» sobreviveu e traçou o caráter do marrano nas épocas moderna e contemporânea. Anita Novinsky defendia que ela não foi vivida apenas pelos marranos, mas por todos portugueses porque ninguém estava absolutamente seguro de seus antepassados. Sermões, textos antijudaicos, slogans difamatórios, cartazes, obras manuscritas que circulavam em Portugal, condicionaram a mente dos portugueses para os perigos da heresia judaica, mas as conversões forçadas, a criação dos «estatutos de pureza de sangue» e o estabelecimento do Tribunal da Inquisição oficializaram o ódio secular e institucionalizaram as perseguições, torturas e mortes.

As conversões forçadas dos judeus portugueses ao catolicismo (1497) não os tornaram «cristãos iguais», mas emergiram como «novos párias». Para Novinsky, nunca os judeus foram tão odiados como quando se tornaram cristãos. Na visão da historiadora, essa situação que perdurou séculos, foi responsável por traumas profundos, que acarretaram, por sua vez, a perda da identidade e a busca de um «pertencer»⁵.

Para desenvolver as ideias de perda da identidade, sentimento de não pertencimento e o processo de busca por inclusão, Novinsky adotou as concepções construídas pelo filósofo francês Michel Abensour que ponderou sobre os conceitos de pária, sugerido por Max Weber e o da «*fluctuatio animi*», proposto por Spinoza⁶.

Michel Abensour, para caracterizar os marranos, foi buscar o conceito de «*fluctuatio animi*», em Spinoza, descrito como uma:

«estrutura do espírito que nasce de dois afetos contrários, do qual resulta uma ambiguidade na alma, que a faz mergulhar num estado obscuro de incertezas, mergulho este que necessariamente engendra sofrimento. A alma se debate ante as incertezas e

3 Fernando Martinez, arqui-diácono de Écija, era adversário dos judeus e em junho de 1391, pessoas lideradas por ele assaltaram o bairro judeu em Sevilha e obrigaram os seus habitantes à conversão ou a morte. Apesar de tentativas de contenção dos revoltosos, um clamor antijudaico espalhou-se a partir de Sevilha para outras cidades da Espanha. Ao ódio somavam-se perspectivas de saques aos bens dos judeus. L. POLIAKOV, *De Maomé aos Marranos*, Tradução de Ana M. Goldberger Coelho, São Paulo, 984, 133-134

4 Para Anita Novinsky, as sociedades secretas foram redes de comunicação e associações clandestinas e que começaram a ser organizadas já com a chegada dos primeiros povoadores ao Brasil. Se a partir das conversões, toda prática ficou proibida e todos os livros, base da religião judaica, banidos, os cristãos novos tiveram que desenvolver comunicação específica, linguagem em códigos e reuniões às escondidas para discutir, lembrar e praticar alguns dos velhos costumes. Essas reuniões eram denominadas pelos habitantes da colônia de esnogas. E. BERALDI RIBEIRO, *Bento Teixeira e a Inquisição. Um testemunho do pensamento colonial*, São Paulo, 2017, 52.

5 A. NOVINSKY, «Reflexões sobre o Anti-Semitismo. Portugal nos séculos XVI-XX», *Portugal no século XVIII. De D. João V à Revolução Francesa*, Lisboa, 1991, 451-461.

6 B. ESPINOSA, *Ethique*. Introduction, traduction, notes et commentaires Robert Misrahi, PUF 1990, proposition 17, livre III, apud ABENSOUR, cit. 108.

não sabe para que lado se voltar. Mergulha numa confusão mental, não sabe o que é amado ou odiado, e sofre»⁷.

Novinsky embrenhou-se na história colonial brasileira para exemplificar os dois conceitos de Abensour.

O BRASIL COMO EXEMPLO

Para os convertidos, a América, no início da colonização, representou um escape, pois as possibilidades de apagar suas origens aumentavam. No entanto, a prosperidade da colônia acirrou a ganância dos Inquisidores e da Coroa portuguesa, e em finais do século XVI, iniciaram-se as investigações sistemáticas e oficiais. Havia uma constante vigilância que gerou insegurança na população, pois obrigava os conversos a burlar identidades, e levou-os a construir uma linguagem imprecisa e reticente.

Apesar das perseguições, muitos cristãos novos foram favorecidos pela distância da Metrópole e conseguiram diluir-se em meio à população, desaparecendo como judeus. A intensificação persecutória reforçou o convívio dos marranos nas sociedades secretas e os ensinamentos judaicos, herdados de pais e avós, continuavam de geração em geração. Para mantê-los, organizaram-se em «sociedades secretas», reuniões previamente marcadas, nas quais traçavam, de memória, o judaísmo de seus antepassados.

A conquista holandesa (1630-1654) mudou o cenário político, religioso e cultural do nordeste brasileiro, e também a vida dos marranos. A relativa tolerância religiosa, que os diretores da Companhia da Índias Orientais estenderam para a região conquistada, permitiu a prática do judaísmo e o florescimento de uma vida cultural desconhecida até então.

O comportamento dos marranos foi extremamente diversificado e oscilante. A chegada de judeus, de origem portuguesa, diretamente da Holanda, teve uma influência decisiva sobre os cristãos novos já estabelecidos no Brasil. Uniu-os uma mesma língua, mesmos costumes e saudades.

Os judeus que se estabeleceram em Pernambuco levaram muitos a se converter ao judaísmo, atraídos pelo desejo de «pertencer» e tornaram-se membros da nova comunidade. Procuraram viver uma vida autenticamente judaica na Congregação Zur Israel de Recife. Ajudaram a consolidar a Congregação com a criação de escolas, sinagogas e um cemitério. Receberam ensinamentos sobre a religião, que pouco conheciam, e deixaram envolver-se na ortodoxia religiosa.

Mas, a infância vivida pelos cristãos novos no catolicismo tinham deixado suas marcas. Hábitos e crenças, condicionados durante séculos, dificultaram a integração plena ao judaísmo, e traumas foram vividos pelos marranos, com consequências dolorosas.

7 M. ABENSOUR, «Au de là «*fluctuatio animi*» marrane. Spinoza en quête de l'universel», *Tumultes. La Paria. Une figure de la modernité*, N. 21-22, 2003, 108-139.

Enquanto alguns reconvertidos conseguiram transpor as barreiras psicológicas causadas pelo seu ingresso na ortodoxia judaica, outros ficaram no meio do caminho e permaneceram desajustados, passando por conflitos semelhantes aos vividos pelos marranos que se refugiaram em Amsterdam, Itália, Hamburgo etc. Para estes, o «retorno» foi impossível.

Para Novinsky, a experiência vivida pelos marranos em Recife ilustra esse conflito. As próprias narrativas dos prisioneiros refletem a confusão de seus sentimentos. Ela escolheu alguns exemplos, que ela acreditou, elucidaram o drama que esse retorno causou nos marranos, novos párias atirados à uma trama sem solução. Primeiramente, mudaram outra vez de nome, passando a ter na Congregação, um nome judaico. Gabriel Mendes, por exemplo, passou a chamar-se Abraão Mendes⁸; Diogo Henriques, Abrão Bueno⁹; Manuel Gomes Chacon, Isaac Habib¹⁰, Mateus da Costa, Miguel Francês¹¹, e tantos outros.

Novinsky considerou essa experiência marrana em Recife extremamente rica, já que com a Congregação, oficialmente reconhecida, uma plena vida judaica foi possível. Alguns exemplos podem elucidar esse fenômeno.

Manuel Gomes Chacon, cristão novo, nasceu em Portugal, e morou em Itacoara, capitania de Itamaracá. A vida judaica em Recife o atraiu e ele converteu-se. Quando a mulher e o filho souberam que «judaizava», o abandonaram. Desesperado, Chacon se reconverteu ao catolicismo, mas como lhe repugnavam os dogmas da Igreja, voltou para o judaísmo. Não conseguindo acompanhar o rigor imposto pelos chefes da comunidade e da religião, foi ao vigário e pediu para ser novamente batizado e tornou-se novamente católico. Foi então preso, enviado para a Bahia e depois para Lisboa, onde nos cárceres do Santo Ofício, continuou a viver o seu tormento espiritual.

Pero de Almeida nasceu e foi batizado na cidade do Porto. Morando em Recife, foi influenciado pelos amigos judeus e, converteu-se. Frequentou regularmente a sinagoga, acompanhou as festas até que a paixão por uma mulher cristã velha o fez tornar-se novamente católico. Depois de casado, arrependeu-se e voltou para o judaísmo. Amigos o convenceram da verdade da religião cristã. Resolveu confessar-se com o vigário e tornou-se católico novamente. O vigário mandou prendê-lo. Após ficar nove meses nos cárceres foi enviado, acorrentado, para Lisboa onde a Inquisição se encarregou de julgá-lo¹².

O cristão novo Gabriel Mendes nasceu no Porto, mas com onze anos de idade, após a morte do pai, (também penitenciado pela Inquisição), foi enviado pela mãe para Hamburgo, onde, na comunidade judaica, foi circuncidado. A vida o levou para Pernambuco e à comunidade judaica de Recife, onde viveu por oito anos. Teve então um sonho, no qual morria e se «perdia». Arrependeu-se de ter abandonado a religião cristã e reconverteu-se. Foi então preso e enviado para Portugal. Depois de sentenciado, com «cárcere e hábito penitencial perpé-

8 A. NOVINSKY, *Inquisição. Prisioneiros do Brasil*. São Paulo, Expressão e Cultura, 2002, Processo da Inquisição de Lisboa 11362.

9 *Ibidem*, Processo da Inquisição de Lisboa, 1770.

10 *Ibidem*, Processo da Inquisição de Lisboa, 7533.

11 *Ibidem*, Processo da Inquisição de Lisboa, 306.

12 INTT. Processo da Inquisição de Lisboa 11562 e I. S. REVAH, *Uriel da Costa et les Marranes de Porto*. Cours au Collège de France 1966-1972. Paris, 449 e 469.

tuo», fugiu para o Brasil, onde foi preso pela segunda vez, e novamente deportado para Lisboa¹³.

Semelhantes oscilações e angústias foram vividas por Matheus da Costa¹⁴, Diogo Henriques¹⁵, Miguel Francês¹⁶, João Nunes Velho, todos mergulhados numa «fluctuatio animi», feridos na alma, sem saber de onde lhes viria a redenção.

Michel Abensour encontrou nesses marranos uma «fluctuatio animi», uma alma em conflito, de um lado pelo desejo de pertencer ao seu povo de origem, de outro, a inadaptação a esse retorno. Spinoza criou esse conceito, sem dúvida, levado pela sua própria experiência. Compreendeu a alma marrana por sentir-se ele próprio um marrano, e dessa condição extraiu sua filosofia. Era judeu sem pertencer ao mundo judeu. Também nunca pertenceu ao mundo cristão¹⁷.

Para Spinoza:

«Aquele estado de alma que nasce de duas afecções contrárias chama-se flutuação da alma, a qual está para a afecção como a dúvida para a imaginação; e a flutuação da alma e a dúvida não diferem senão segundo o mais e o menos. [...] o corpo humano é composto de um grande número de indivíduos de natureza diversa e, por consequência, pode ser afetado de maneiras muito numerosas e diversas por um só e mesmo corpo e, inversamente, uma vez que uma só e mesma coisa pode ser afetada de numerosas maneiras, poderá, portanto, afetar também uma só e mesma parte do corpo de maneiras múltiplas e diversas. Por estas explicações, podemos conceber facilmente que um só e mesmo objeto pode ser a causa de afecções múltiplas e contrárias» (Ética, III, Proposição XVII, Escólio, p. 194)¹⁸.

Anita Novinsky associava a aventura marrana a uma questão dialética, pois aos cristãos novos mostrou-se intolerável submeter-se ao controle das autoridades rabínicas. A cisão da consciência, que é uma característica essencial do pária, continuou mesmo com as reconversões. Oscilando entre o desejo de pertencer ao seu povo de origem, que alimentava o seu imaginário de pária, e à sociedade ampla que os excluía, o marrano tinha, como escreveu Spinoza, a alma suspensa entre dois derivados, a alegria e a tristeza, a esperança e a crença.

Anita concluiu que o que distinguiu o pária (judeu) das outras figuras da opressão foi o desprezo, o insulto, a rejeição, a vergonha, que foram vividos pelos marranos. Spinoza, Uriel da Costa, Juan de Prado, na Holanda, experimentaram a dolorosa «fluctuatio animi», semelhante aos marranos de tantas regiões da Europa para onde se refugiaram.

13 INTT, Processo da Inquisição de Lisboa, 11362.

14 INTT, Processo da Inquisição de Lisboa, 306.

15 INTT, Processo da Inquisição de Lisboa, 1770.

16 INTT, Processo da Inquisição de Lisboa, 7276.

17 INTT, Processo da Inquisição de Lisboa, 11575.

18 B. ESPINOSA, «Ética». Trad. e notas Joaquim de Carvalho. In: *Baruch de Espinosa*, São Paulo, 1973. (Col. Os Pensadores), 77-307.

Para Michel Abensour, tanto o que foi vivido pelos que integraram-se ao judaísmo, como os vividos pelos que não se encontraram em nenhuma religião, são experiências de párias. Os anos passados como cristãos produziram uma «interiorização do cristianismo», tão profunda, que tornou, para muitos, extremamente difícil a readaptação ao judaísmo e não permitiu que os marranos encontrassem uma identidade plena e substancial. Como cripto judeus viveram uma alienação em seu ambiente católico, mas viveram também uma alienação íntima, dentro de seu «pseudo ser», ser que ele não podia revelar. A vida de tantos marranos permaneceu assim, perpetuamente entre opostos¹⁹.

O antissemitismo, o estigma, a intolerância geraram um povo pária, o judeu, que continuou pária depois de se tornar católico. Passando do judaísmo «secreto» para o judaísmo «aberto», com regras e restrições ortodoxas, os cristãos novos criaram um estado de incerteza, que levou-os a oscilar entre uma e outra religião, sem saber qual a verdadeira. O viver no «segredo», desde a mais tenra idade, havia se incorporado de tal maneira nos hábitos marranos que a verdadeira religião somente poderia ser concebida como «secreta». Contava-nos Anita Novinsky que quando visitou Belmonte, no norte de Portugal, em 1965, ainda se ouvia dizer, entre os sobreviventes marranos, que a «nossa única religião é a secreta».

Novinsky sempre postulou a necessidade de um trabalho integrado da História com a Psicanálise, apesar das barreiras metodológicas para a compreensão do fenômeno marrano, a fim de encontrar a convergência entre o social e o psicológico, pois esta interdisciplinaridade poderia mostrar-nos o fenômeno marrano sob um novo ângulo, pois, como reconheceu Marc Bloch, «fatos históricos, são em essência, fatos psicológicos».

19 ABENSOUR, «Au de là «fluctuatio animi» marrane», 112 a 114.